

FAFICH

*Trabalho de Filosofia*  
*Teoria dos Ídolos*

Nomes: Ana Clotilde  
Elisângela Moraes  
Gabriela Marise  
Marcelo Felipe  
Curso: Ciências Sociais

Belo Horizonte, maio de 2004

## **1. Biografia de Francis Bacon**

Francis Bacon nasceu em 1561 na Inglaterra. Foi um homem nobre e ambicioso que ocupou diversos cargos, tais como diplomacia, advocacia, chancelaria, além de ter sido conselheiro da Coroa Britânica.

Bacon foi considerado o “primeiro dos modernos e o último dos antigos”, já que seus pensamentos apresentam relevância na contemporaneidade. Foi também fundador do método experimental, da ciência moderna e do empirismo.

Por apresentar aversão à filosofia dos antigos e a Escolástica, Bacon propõe o plano da Grande Instauração. Este consiste em classificar as ciências existentes e apresentar um novo método para a busca da verdade.

Bacon morreu em 1626 e por isso não chega a concluir o projeto a que se propôs. Não obstante incompleto, o projeto baconiano pretendia um “verdadeiro e extraordinário progresso do saber”, já que chamava por uma reforma total do conhecimento humano.

Apesar de ter revolucionado a ciência, Bacon é alvo de críticas por parte dos historiadores da Filosofia, pelo fato de não tratar de matemática em suas metodologias científicas.

## **2. Introdução**

Os princípios baconianos, que podem ser considerados, agora triviais, foram revolucionários e no século XVI.

As teorias dos Ídolos de Francis Bacon contrapõem a filosofia pensada até a sua época. Para este, o verdadeiro filósofo natural deveria trabalhar na acumulação sistemática de conhecimentos e descobrir um método que permitisse o progresso destes. Bacon afirmava um saber utilitário distintamente de filósofos como Platão e Aristóteles que construíram uma saber metafísico, reflexivo e contemplativo, ou seja, não utilizaram uma base real para o conhecimento, todavia a mera especulação.

Segundo o pensador, os homens devem ter conhecimento científico a fim de dominar a natureza, pois saber é poder. Para atingir esse saber positivo é preciso que os homens se mantenham precavidos como que Bacon denomina ídolos.

## **3. Ídolos**

Os ídolos, de acordo com a teoria baconiana, são noções falsas que se alojam no intelecto humano e o obstruem a ponto de ser difícil o acesso à verdade e conseqüentemente à ciência. Bacon emprega a palavra ídolo uma vez que esta remete a idéia de um falso deus e a de idolatria. Tanto em sua origem grega (eidolon), quanto em sua origem latina (idola), ídolo significa imagem. O enfeitiçamento dos homens perante as divindades é análogo ao que ocorre quando os seres estão presos às suas vontades, interpretações, idéias e preconceitos.

Os ídolos que bloqueiam a mente humana são de quatro gêneros: da tribo (fundados na própria natureza humana), de caverna (oriundos do indivíduo), do foro (os quais possuem origem na linguagem), e do teatro (ligados a sistemas filosóficos falseados).

### 3.1 Ídolos da tribo

Os ídolos da tribo são inatos à espécie humana. O nome tribo significa que as falsas noções (ou ídolos) advêm da própria aldeia dos homens, da espécie humana, ou seja, da tribo. Esses ídolos estão relacionados com os sentidos, sentimentos, vontades, preconceitos e com as impressões.

Segundo Bacon, os homens tendem a simplificar o universo uma vez que supõem que a natureza possui uma ordem muito maior àquela verificada na realidade. Estes atribuem às coisas simetrias, formas geométricas, relações e correspondências que elas não possuem. A fim de exemplificar essa tendência humana de tornar o universo mais simples, Bacon cita o modo como opera a Alquimia

A teoria baconiana afirma que os alquimistas entendem a atividade humana de forma análoga à natural. Para estes os fenômenos físicos apresentam simpatias e antipatias. Ou seja, a natureza é entendida pelos homens como uma extensão destes e, por conseguinte é antropomorfizada. Nessa mesma lógica, explica-se o motivo dos deuses da Antiguidade apresentarem características humanas, dos astros serem dirigidos por espíritos próprios e da Terra ser considerada o centro do universo.

De acordo com os ídolos da tribo, o intelecto humano apresenta também uma tendência de tomar como verdade o conhecimento adquirido pelos sentidos. Pelo fato de freqüentemente o homem não utilizar a razão para fazer análises, este não percebe que o saber oriundo das sensações é meramente parcial. Através de uma observação com ênfase nos sentidos, aquilo que não é visível através do olho humano, por exemplo, jaz no despercebido e desconsiderado. Dessa forma, verifica-se a dificuldade de se estudar os átomos e a densidade do ar. Outro exemplo pertinente a essa tendência encontra-se no fato dos homens imaginarem que o corpo humano é uma massa compacta. Ora, através do Exame de Raios-X, sabe-se que este é atravessado por partículas e, assim sendo, é descontínuo. Com este mesmo raciocínio, também é possível perceber porque os homens acreditam que a água no Equador não sofre ação das forças magnéticas da Terra, ou até mesmo, porque o homem não é capaz de perceber que a sua noção de tempo não explica fenômenos como fato de um bebê a bordo de uma nave espacial não envelhecer.

Além dos aspectos já citados, o intelecto humano apreende como positivo o conhecimento adquirido através das vontades ou das paixões e dos preconceitos. Segundo Bacon, o pensamento é utilitário, ou seja, o homem não vive para pensar, todavia pensa para viver. Doravante essa afirmação, as

idéias que se contrapõem à prática humana ou a sua vontade ou ação partidária tendem a ser descartadas. No caso dessas influências é importante frisar que os homens geralmente ignoram as instâncias das forças contrárias as quais poderiam enfraquecer o argumento da vontade e da paixão.

Os preconceitos distorcem a razão de forma similar às vontades. As noções que destroem as tradições nacionais, que podem levar à negação das concepções que regem o espírito coletivo, são consideradas nocivas e, portanto, falsas. Um epígono de Bacon, Durkheim, discorre em seu livro *Regras do Método Sociológico*, como os preconceitos podem contrapor à ciência. Durkheim, afirma, por exemplo, que a palavra patriotismo já está impregnada de noções. Sendo assim, quando um cientista tenta elaborar um conceito objetivo para este termo contradizendo o preconceito, este enfrenta resistências dos homens.

Enfim os ídolos da tribo remetem às falácias que têm origem na uniformidade da substância espiritual do homem, naquilo que é peculiar à raça humana: a infinidade de desejos, de tentativas de racionalizar as coisas, o próprio egocentrismo, as emoções, limitações e instabilidades.

### 3.2 Ídolos da caverna

O título ídolos da caverna é devido a uma alusão de Bacon à “Alegoria da Caverna”, mito presente na obra *República* de Platão. Esse tipo de “ídolos” se distingue dos ídolos da tribo por tratar especificamente da natureza do indivíduo, e não da espécie humana.

Segundo Bacon, “cada pessoa possui sua própria caverna particular, que interpreta e distorce a luz da natureza”. Isso quer dizer que, da mesma maneira daquela encontrada em Platão, os indivíduos, cada um, possui a sua crença, sua verdade particular, tida como única e indiscutível. Assim, através dela, interpretará e explicará todos os fatos e fenômenos, muitas vezes de forma equivocada e deformadora da realidade (que é interpretada como sendo a “luz da natureza”). Daí segue a frase de Heráclito, em que “os homens buscam em seus pequenos mundos e não no grande ou universal”, **ou seja, “o ideal seria a razão comum, que é universal. Mas parece que a maioria vive como se tivesse uma inteligência absolutamente pessoal”**.

**As perturbações intelectuais, estas freqüentemente consideradas como verdades pelos indivíduos, ou no processo de endoculturação, que se baseia na educação-aprendizagem e na conversação com outras pessoas; ou, até mesmo, através da leitura de determinados livros.** Os conhecimentos adquiridos por meio desses processos, alguns deles são selecionados e, então, dogmatizados, dado que houve uma certa conformação e, concomitante, uma certa predileção por parte do homem para transformá-los em verdades inatas que passarão, a partir do momento, a administrar o

seu intelecto. Esses conhecimentos, no entanto, não foram sujeitos a estudos empíricos para comprovar as suas validades.

Verifica-se, ademais, que é dessa maneira que são concebidas as pré-noções, ou falsas noções e, **por conseguinte, ou recorrência da educação**, para explicar as coisas. Ambos os métodos são amplamente negados por Bacon, pois se mostram contrários à experiência empírica científica e ao método indutivo, que devem ser usados para se chegar às explicações corretas.

É devido à existência dos “ídolos da caverna” que se encontra, hoje, uma multiplicidade de interpretações para uma única ação. Isso ocorre porque, cada indivíduo, se baseia na sua verdade para obter uma interpretação e tende, naturalmente, a recusar as verdades dos outros. **Daí essa multiplicação desenfreada, demasiada inútil e confusa.**

O combate aos “ídolos da caverna” concretiza-se na prudência adotada nas especulações e na busca pela objetividade, tomando-se como princípio a idéia de Bacon, que diz: “os ídolos da caverna têm origem na peculiar na constituição da alma e do corpo de cada um. Por isso, a verdade não deve ser buscada na educação, ou no hábito, ou em eventos fortuitos, mas à luz da natureza e da experiência. Em vista disso, todo entusiasmo deve ser afastado e deve-se cuidar para que o intelecto não se desvie e seja por ele arrebatado em seus juízos”.

Formas exemplificadas de “ídolos da caverna”:

A religião pode ser considerada como exemplo desse tipo de “ídolos” na medida em que foram criados vários modelos de religião e cada um deles, interpreta a sua maneira, as questões relacionadas à fé dos homens. Cabe, ao indivíduo, aderir àquela que melhor corresponder aos seus ideais e desejos. Essas interpretações, repletas de pré-noções e deduções, se impõem às pessoas, que se conformam a elas. O período histórico da Reforma exprime esse fato, quando a Igreja Católica foi contestada quanto aos seus dogmas e suas ações e, assim, foram criadas outras Igrejas que atendessem melhor aos interesses dos homens da época.

Um outro exemplo que pode ser mencionado é o esquema evolutivo criado por Morgan, um eminente antropólogo evolucionista que estudou a importância do parentesco do casamento e das instituições sociais. **Através desse estudo sistemático e científico, que lhe renderam muitos méritos**, Morgan, entretanto, formulou, dedutivamente, o esquema evolutivo da história da sociedade humana, que seria composta por três estágios: selvageria, barbárie e civilização. Daí ser considerado, esse esquema, como um dos mais simplistas. Ora, o próprio Bacon condena, dentro da definição de “ídolos da caverna”, o excesso de síntese e de análise, além de condenar o método dedutivo. Por isso, Morgan, mesmo agindo de maneira exemplar, chegou a resultados distorcidos da realidade, por serem eles influenciados pelas perturbações do intelecto do antropólogo.

### 3.3 Ídolos do Foro

Ídolos do foro, do mercado, ou da feira compreendem erros implicados na ambigüidade das palavras e na comunicação entre os homens, na qual as palavras são cunhadas pelo vulgo. Dessa forma, uma mesma palavra pode ser usada em sentidos diferentes pelos interlocutores de um diálogo; **isso pode** levar a uma aparente concordância entre as pessoas quando, na realidade, ocorre o contrário. Por outro lado, os homens usam palavras, que não são mais que abstrações, como se fossem nomes de entidades reais. Sobre isso, Bacon cita uma célebre passagem: “O homem crê que a razão governa as palavras, mas é certo também que as palavras atuam sobre o intelecto, e é isso que torna a filosofia e as ciências sofisticadas e ociosas”.

Com efeito, os homens associam-se devido ao discurso, no qual as palavras são cunhadas pelo vulgo, o que implica em uma imposição de palavras de forma imprópria e inepta. Essa imposição inadequada bloqueia espantosamente o intelecto e o perturba por completo.

Segundo Bacon, os ídolos do foro são os mais perturbadores, já que estes alojam-se no intelecto graças ao pacto de palavras e de nomes. Para os teóricos matemáticos um modo de restaurar a ordem seria através das definições. Porém de acordo com a teoria baconiana, nem mesmo as definições poderiam remediar totalmente esse mal, tratando-se de coisas materiais e naturais posto que as próprias definições constam de palavras e as palavras engendram palavras.

Os ídolos que se impõe ao intelecto são de duas espécies: ou são nomes de coisas que não existem, ou são nomes de coisas que existem, mas são mal determinados e abstraídos das coisas de forma temerária e inadequada. Aos primeiros pertencem as órbitas planetárias, o elemento do fogo e ficções semelhantes, que têm origem em teorias vazias e falsas. Essa espécie é a mais fácil de exterminar, pois basta a negação das teorias que a amparam para que a mesma desmorone juntamente com sua base de sustentação. A outra espécie é mais complexa de se expurgar e mais profundamente arraigada por forma-se na abstração errônea e inábil de determinada palavra. Veja-se, por exemplo, o caso da palavra cultura, ela denota uma série de definições que por si mesmas não conseguem sequer alcançar o propósito inicial do termo –kultur- cultivar a terra. Um exemplo demonstrado por Bacon é o vocábulo úmido, o qual dependendo do contexto pode ter um ou outro significado (tudo o que adere a outro corpo e molha; tudo o que facilmente se reduz a líquido, se antes era sólido; etc ).

Percebe-se portanto, que as palavras possuem certo grau de distorção e erro, sendo que **umas possuem maior distorção e erro** que outras. É o caso dos adjetivos que se comparados aos nomes próprios e aos verbos são considerados os mais prejudicia

### 3.4 Ídolos do teatro

Os ídolos do teatro têm suas causas nos sistemas filosóficos e em regras falseadas de demonstrações. A expressão é justificada por Bacon pelo fato desses sistemas constituírem puras invenções, como as peças de teatro que se sucedem na cena e não proporcionam um retrato fiel do universo, tal como ele realmente é. Quando Bacon fala dos ídolos do teatro, refere-se aos dogmas (fabulas, falácias) e aos sistemas filosóficos elaborados, no passado, para explicar a natureza. Ademais, não pensamos apenas nos sistemas filosóficos, na sua universalidade, mas também nos numerosos princípios e axiomas das ciências que entraram em vigor, mercê da tradição, da credulidade e da negligência.

Os ídolos do teatro, para Bacon, eram os mais perigosos, porque, em sua época, predominava o princípio da autoridade – os livros da antiguidade e os livros sagrados eram considerados a fonte de todo o conhecimento. Bacon denuncia o absurdo da manutenção de idéias caducas, falácias, correspondentes a outras épocas, e também afirma a necessidade de adaptar o pensamento às experiências atuais realizadas na natureza. Criticando o prestígio dos sistemas filosóficos, Bacon não poupa ninguém. Trata Aristóteles como “o pior dos sofistas”. Para Platão reserva os mais ferinos adjetivos: “este trocista, este poeta pleno de vaidade, este teólogo entusiasta”, que teria confundido teologia com filosofia, cometendo o maior dos erros. Critica também os “empíricos incipientes”, que conduziram a experiência como um “prisioneiro em procissão”.

Para ele, os ídolos do teatro são numerosos, **e podem ser, e certamente serão**, ainda em muito maior número. **Com efeito, se já por tantos séculos não tivesse a mente humana se ocupado de religião e teologia; e se os governos civis (principalmente as monarquias) não tivessem sido tão adversos para com as novidades, mesmo nas especulações filosóficas.**

São de três tipos as fontes dos erros e das falsas filosofias:

a) **As sofisticas**, que, sobre a base de alguns dados triviais, tomados a realidade, raciocinam e fantasiam livremente; por exemplo: Aristóteles com sua teoria de que corpos com pesos diferentes caem com velocidades diferentes, quando soltos de uma mesma altura; **mais tarde essa teoria e contrariada e comprovada falsa por Galileu na experiência realizada na Torre de Pisa, a respeito da queda dos corpos** – Galileu prova que corpos com pesos diferentes caem com velocidades iguais, ignorando-se a resistência do ar;

b) **As empíricas, que tomam reduzir do numero de dados da realidade** e querem limitar o universo a esses mesmos dados. Portanto, as suas teorias não estão baseadas nas noções vulgares, mas na estreiteza de uns poucos e obscuros experimentos; por exemplo: os Evolucionistas, na antropologia, com a teoria de desenvolvimento linear da cultura. Eles chegam a essa conclusão através da observação e da utilização do método da comparação, porem, não são suficientemente felizes, uma vez que, acertam na escolha do método (instrumento), mas erram na maneira como o utilizam, errando conseqüentemente na formulação da teoria – o método da comparação deveria ter sido utilizado dentro do contexto da cultura, e não em partes especificas como foi feito.

c) **As supersticiosas**, que mesclam as crenças religiosas com as observações da realidade e constroem imponentes quimeras; por exemplo: Alguns modernos incorreram em tal inanidade que, com grande leviandade, tentaram construir uma filosofia natural sobre o primeiro capítulo do Gêneses, sobre o Livro de Jô e sobre outros livros das Sagradas Escrituras, buscando assim os mortos entre os vivos. Desse ultimo tipo de erro cria não só uma filosofia absurda, como também uma religião herética – É salutar manter com a fé o que à fé pertence.

Para Bacon a verdadeira indução é o remédio, a solução, apropriada para afastar e repelir os ídolos. Saber, portanto quais são os ídolos e seus tipos, ajudam nessa tarefa.

## 4. Conclusão

A teoria dos ídolos, por sua riqueza e profundidade subsiste como um dos aspectos mais fascinante e de permanente interesse da filosofia baconiana. Da maneira como foi formulada por Bacon, correspondia à crise intelectual de sua época, mas os princípios que a sustentam conservam ainda hoje o seu valor. Por isso, a atualidade da teoria de Bacon é indiscutível e esta lhe rendeu o título de “*o primeiro dos modernos e último dos antigos*” – referencia a ele como pensador / pesquisador.

Na obra de Bacon, encontramos idéias e princípios, que outrora abriram ao pensamento o caminho que o tem conduzido às descobertas e invenções de que tanto orgulha a civilização.

Com suas idéias, Bacon pretende resguardar o intelecto humano de suas deficiências que tornam a inteligência vulnerável a forças irracionais – as paixões, os interesses e os juízos de valor. Assim a teoria dos ídolos, nos obriga a duvidar de nossas próprias convicções e a estar menos certos de que não estamos a disfarçar interesses ou desejos como uma visão da realidade.

Ao formular a teoria dos ídolos, embora a matemática não seja utilizada fundamentalmente em conjunto com seu método, Bacon pretende apontar as falsas noções que impedem a objetividade na filosofia e nas “ciências”. Para atingir a verdade, esse pensador, propõe que os homens se desvencilhem dos sentidos, das interpretações pessoais, dos conceitos vulgares e dos mundos ideais. Dessa forma, a verdadeira ciência para Bacon, é oriunda do conhecimento empírico, de um método (o método indutivo) e da objetividade. Ou seja, é preciso conhecer os ídolos para posteriormente expurgá-los através do empirismo e da razão. Dessa maneira a ciência caminharia livremente e a passos largos.

## **Bibliografia**

Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza. Bacon, Francis.

Os ídolos de Bacon. Francovich, Guillermo